

CUIABÁ

Everton Almeida Barbosa*

RESUMO: neste ensaio, procura-se fazer uma descrição de Cuiabá, capital do estado de Mato Grosso, no Brasil, tocando questões ligadas à formação da identidade a partir da relação com o local, tentando relativizar ideias fechadas e homogeneizadoras de identidade cultural. Faz-se isso estabelecendo-se uma reflexão sobre a forma como se usa a memória, aproveitando-se da existência de uma diversidade de grupos de diferentes regiões do país que migraram para Cuiabá ao longo do tempo. O objetivo é sugerir que Cuiabá se caracteriza por uma instabilidade que marca a relação de seus habitantes com seus locais, o que dá a impressão de um inacabamento característico dos locais e das identidades, o que por sua vez corresponde a um desejo de modernização latente que se apresenta em diversas situações do cotidiano da cidade.

Palavras-chave: identidade; lugar de memória; memória; heterogeneidade cultural;

ABSTRACT: this essay aims to describe Cuiabá, Mato Grosso state's capital, in Brazil, pointing subjects related to the process of identity formation from the relations with location, trying to relativise some closed and homogenising ideas about cultural identity. It is done by reflecting on the forms by which the memory is used, taking advantage of the diversity of groups that have come from different regions of the country and migrated to Cuiabá along time. The objective is to suggest that Cuiabá is characterized by an instability that marks the relation between inhabitants and their places, what gives us an impression of a typical unfinishedness of both places and identities, what correspond to a latent desire of modernization that comes out in several situations in the city's everyday.

Keywords: identity; place of memory; memory; cultral heterogeneity;

Palimpsesto. Uma breve colina como tantas outras, de onde brota água e ouro, leite e mel. Índios sempre à espreita. Bandeirantes e negros coitados ficando picaretas e girando bateias sem pretensões fundacionais. O córrego espraiado escorregando até o Rio da Prata. Sobrados à direita do córrego, casebres à esquerda. À direita, a umas três quadras dali, a Catedral Basílica do Senhor Bom Jesus e os prédios de administração pública. À esquerda, a igreja do Rosário dos negros, para a colina e São Benedito. Uma pontezinha sobre o córrego, rapidamente desdourado, que continua alimentando as águas verdes do rio caudaloso e piscoso, em cujo porto encostam embarcações do mundo inteiro. O Paraguai ameaçando a navegação e o cotidiano tranquilo com a sombra da guerra. Intermezzo. Usinas produzindo açúcares e políticos. Fazendas criando gado – ouro sobre patas – e políticos. As comunidades muçulmana, nipônica, italiana, nordestina, ribeirinha. O centro geodésico

1 Doutor em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais e Professor de Literaturas de Língua Portuguesa na Universidade do Estado de Mato Grosso, *campus* de Tangará da Serra. E-mail: everton@unemat.br

da América do Sul desejando ser o centro, Portal da Amazônia para os plantadores de algodão e soja – ouro granulado. As fazendas de soja produzindo soja e políticos. O córrego é canalizado, pavimentado, a pontezinha retirada, casebres viram comércio e estacionamentos sírio-libaneses e as palmeiras imperiais da Jericó do cerrado na avenida Getúlio Vargas são substituídas por oitis, assim como os paralelepípedos pelo asfalto e as pedras portuguesas das calçadas e calçadas pela lajota de concreto. Sob a colina, o asfalto, os estabelecimentos, os estacionamentos, os sinais de trânsito, os engarrafamentos, os meninos jogando com malabares, os mendigos e crianças, os cidadãos que vão para o trabalho, espraia-se o esgoto escorregando para o grande rio raso de águas turvas e peixe impróprio para o consumo. Ao longe, para além da avenida perimetral, já se enxergam grandes e modernos empreendimentos imobiliários que vem avançando cada vez mais rápido em direção ao centro e suas casas já pouco resistentes.

O cidadão que costuma frequentar, por algum motivo, a região do centro histórico de Cuiabá, pisa a rua e o calçadão, o asfalto e a lajota, com a mesma disposição de espírito, sem dar maior importância à natureza do chão que lhe vai sobre os pés. Da mesma forma, algum prédio de arquitetura colonial que porventura se destaque com pintura nova, revelando formas antes escondidas pelo encardido do tempo, ou desgastadas pela corrosão, por entre outras ruínas ou construções de aspecto mais atual, passa a seus olhos como mais uma casa nova, ou mais frequentemente um novo estabelecimento comercial ou cultural, sem maiores e complicadas implicações históricas. E se aquele que anda a pé, e tem a possibilidade de dedicar um pouco mais de tempo à percepção do detalhe, ainda assim não atenta para estes assuntos, menos ainda perceberão aqueles que passam de carro. Estes passam mais rápidos e concentrados em seus próprios tempos e lugares, tanto por causa da atenção que devem dar aos buracos e irregularidades na pista, quanto pelo isolamento que conseguem manter em relação ao calor infernal que faz na cidade, em automóveis equipados com ar-condicionado, comprados com descontos promocionais e prestações a perder de vista. Isso não quer dizer que sejam carentes de memória, ou que estejam completamente alienados pelas atividades exigidas pelo cotidiano da cidade. O fato é que a rua é uma passagem necessária e o sentido histórico dos lugares só existe àqueles que o querem enxergar, ou que dele necessitam para algo mais que a sobrevivência e o lazer.

“Histórico” está evocado aqui no seu significado mais ordinário: o de passado. E, no caso de Cuiabá, o sentido mais próprio é o de passado distante, porque a mudança, a reapropriação e a atualização de lugares e hábitos parecem ocorrer com tanta espontaneidade, que se tem a impressão de que o passado recente se dilui no próprio presente. Desde o princípio, do encontro acidental de ouro, passando pelas sucessivas reformas e transformações em igrejas, prédios públicos e praças, até a promessa de se tornar ponto estratégico para exploração e ocupação da Amazônia, processou-se a substituição ou abandono de monumentos, lugares e modos de produção que poderiam ser mais representativos de uma origem, sem que isso tenha pesado tanto na memória coletiva. Nesse sentido, o tempo que mais expressa a tendência de Cuiabá, mais até do que o presente, é o futuro, o devir, aquilo em que a cidade pode vir a se tornar. Em termos diretos: uma grande metrópole tão avançada quanto outras maiores.

Não que a memória documental, a história, não exista. Existe e feita com muito critério pela universidade federal local, mas ela é produto de consumo de poucos, não sendo compartilhada pela memória coletiva, mesmo recentemente com a adoção da história e da literatura locais como disciplinas preparatórias para concursos e vestibulares. Ainda assim, a planificação da narrativa histórica de um lugar por meio das escolas não garante por si só a fixação de uma identidade, de um sentimento de pertencimento, ainda mais se negligencia a heterogeneidade constituinte do meio

urbano em favor de uma classe ou cultura específica. Nesse sentido, também são diversas as memórias coletivas, uma vez que a memória se sustenta sobre grupos menores que habitam e disputam espaço e poder na cidade.

A memória é mecanismo da identidade, o compartilhamento de lembranças comuns, de traços comuns que, numa cidade, podem ou não se perder conforme age o grupo. É assim, por exemplo, que imigrantes nordestinos certamente não possuem a mesma afetividade pela cidade e por seus lugares, vieram para servir de mão de obra em hotéis e restaurantes – quando não são reconhecidos ambulantes vendedores de rede e tapete – que surgiram com o impulso desenvolvimentista da década de 60 e não possuem maior vínculo com o que ocorreu antes disso. O mesmo impulso trouxe sulistas, grandes plantadores de soja do norte do Estado, para quem Cuiabá é local de trânsito e de negociação política. Que importa à memória destes grupos a memória da cidade? Eles trazem consigo sua própria memória que perdura, a ponto de uns (sulistas) sempre estarem saudosos a reclamar do calor e do atraso da cidade, e de outros (nordestinos) manterem casamentos e relacionamentos com seus parentes distantes do nordeste mais do que com seus vizinhos.

Se a catedral antiga da cidade foi destruída e posta em seu lugar uma outra de estética mais moderna, a quem isso realmente afeta ou agrada? A que passado, memória e identidade? Quem realmente lamenta pela demolição da antiga construção? Se certos monumentos são restaurados, a quem isso alegra e satisfaz? Se são ocupados por novas atividades diferentes das antigas, quem lembrará de sua história e quem usufruirá desse lugar como algo novo e inteiramente constituinte do presente?

Talvez não se possa dizer que Cuiabá tenha ainda uma identidade pelo fato de não ter havido nenhum evento que efetivamente marcasse a memória de seus habitantes de forma total e significativa. Os traços apresentados pela mídia e por programas governamentais de patrimônio histórico material e, principalmente, imaterial, são traços dos “cuiabanos”, não sendo os traços de muitos outros que convivem no mesmo espaço. Numa outra perspectiva, não houve terremotos, erupções, enchentes, genocídios, doença etc. que pudessem fazer com que, do interior de seus grupos e suas temporalidades, os indivíduos olhassem o outro e percebessem o oculto sob a máscara da identidade: o ser humano; para que pudessem enfim compartilhar de um evento comum e aí apoiar sua memória. As tragédias trazidas pelo latifúndio ao interior do Estado não afetam todos os grupos que co-habitam em Cuiabá. A pobreza ou miséria de uns não afeta a outros, porque serão sempre a pobreza e a miséria de outros.

Isso não quer dizer que a cidade seja o âmbito de um eterno conflito entre grupos que se mantêm rigidamente dentro de suas prerrogativas identitárias. No contexto das relações humanas, nada existe absolutamente fechado e menos fechada ainda é Cuiabá, sempre disposta a assimilar o novo, principalmente se isso indicar uma ascensão de seu status ao de grande centro urbano. Há as amizades feitas, os colégios, a vizinhança, o trabalho, o comércio e em todos estes locais acabam por se formar novos grupos até que, por fim, o fundo comum dos grupos migrantes acabe por se diluir espontaneamente ao longo do tempo. Mais uma vez, então, o efeito desse processo será a sensação de uma “ausência de passado”, pois a memória dos novos grupos se limitará ao passado mais recente e, ainda assim, não será a memória de toda a população da cidade.

Andando-se pelo centro histórico, sente-se a impressão viva de que seus lugares existem e seus frequentadores vivem intensamente para sua atualidade, o que dá à cidade um aspecto constante de improvisação e inacabamento. À exceção de prédios públicos e construções restauradas para o patrimônio histórico, as demais construções conservadas são aquelas que têm utilidade, principalmente para o comércio. As casas comuns que serviram algum dia para moradia e que não são utilizadas para nenhuma atividade, permanecem em ruínas ou ocupadas em estado precário, de forma que certos ângulos com que se olha o centro fazem lembrar muito a imagem comum de uma periferia. Não há uma rua inteira que possua todas as construções reformadas, a não ser os três principais calçadões centrais já tomados pelo comércio. Em todo caso, o que se depreende daí é que não incide sobre o conjunto do centro histórico o próprio valor do histórico, que poderia fazer com que o centro fosse inteira e definitivamente recuperado para bem da identidade local. O cotidiano desses lugares está pouco associado à história. As únicas exceções talvez sejam os prédios restaurados para funcionamento de museus e arquivos. Nem assim eles deixam de ter esta utilidade presente: a de documentar os eventos passados. Nem assim o público cotidiano do centro dirige-se normalmente aos museus para conhecer esta história.

As ruas são estreitíssimas e mais ainda as calçadas, aproveitadas da estrutura original da cidade. As ruas muitas vezes têm espaço para apenas um carro e a todo instante é necessário sair da calçada para a rua para se desviar dos pedestres e dos postes de iluminação. Uma parte considerável dos becos e ruas revelam, principalmente no período noturno, um outro universo abrigado pela cidade: o da boemia pobre. Nas construções antigas e precárias, estão bares e prostíbulos, pontos de venda de droga, ocupados por pessoas de todas as origens. Permanecem ali por anos a fio, enquanto os bares e boates de classe média e alta anualmente mudam de fachada e de estilo, atendendo às exigências da moda. Por longos anos também é que muitas pessoas vivem improvisadamente nas ruas e das ruas: guardadores de carros, vendedores ambulantes, cartomantes e entregadores de panfletos. Todos existindo em espaços cuja história não fazem questão de conhecer e que lhes parece o mesmo em cinco, dez ou quinze anos que ali permanecem... e que lhes parece o mesmo desde sempre.

Camelôs formam um verdadeiro mercado aberto na rua 13 de junho, a principal do centro. Já houve outro mercado semelhante há algum tempo, cujos empreendedores foram remanejados para uma área fixa não muito longe dali. Não será de admirar que os de agora também consigam seu espaço e menos admirável ainda será a presença de novos vendedores no futuro. O centro é o melhor lugar para o comércio de bugigangas e pequenas utilidades, coisas que se podem comprar rapidamente, de passagem. Brinquedos, eletrônicos, bonecas, acessórios femininos etc. Todos semelhantes entre si. Quase todos com a mesma origem: Bolívia ou Paraguai; embora São Paulo e Goiânia não estejam fora da rota dos mercadores, inclusive dos próprios lojistas que reclamam eternamente da concorrência desleal dos ambulantes. Todos os produtos têm o mesmo prazo de vida útil: o menor possível; o que justifica a permanência das bancas para rápida reposição.

Apesar disso, o camelô é um indivíduo cada vez mais confiável para tais questões. É possível encontrá-lo sempre no mesmo lugar. Possui cartão de visita com telefone celular para atendimento exclusivo. Dá garantia contra possíveis defeitos apresentados. Terceiriza serviços e assistência para seus produtos. Já não é preciso temê-lo como criminoso ou estelionatário. Possui família, que inclusive trabalha junto com ele, na mesma banca ou na banca ao lado, atuando em mais de um ramo de negócios. Sua atividade não precisa de tanta propaganda, uma vez que a qualidade e a procedência das mercadorias já são conhecidas ou, ao menos, imaginadas pelos consumidores. Diferente dele é o dono de loja. Ser abstrato e distante, cuja intenção é sempre

enganar nos preços quebrados em centavos. No mercado da rua, só a noite, a chuva ou a polícia em nome da manutenção da ordem pública fazem com que o vendedor saia do centro e libere a calçada estreita, para que os pedestres possam circular ainda apertados, deixando livre também a vista da praça, a vista do céu entre os fios de luz emaranhados, e a passarela para as vitrines que o mercado improvisado escondeu temporariamente.

Muitas vezes, o remanejamento de indivíduos de certos lugares têm sua justificativa na restauração de prédios antigos do patrimônio histórico. Próximo ao término da mesma rua 13 de Junho, no sentido centro/rio Cuiabá, o antigo mercado do Porto era uma feira aberta que ocupava aos domingos as ruas à beira do rio, cercado uma construção antiga, mal conservada, que funcionava como mercado do peixe para os pescadores ribeirinhos. O processo de restauração do prédio transferiu a feira para um grande galpão. Reformou-se o prédio, a praça em frente, e jaz instalado ali o “Museu do Rio Cuiabá”, espaço de visitação turística e atividades culturais, onde se pode adquirir, a preços não muito módicos, lembranças, comidas e objetos típicos da tradição cuiabana. Podem-se ver uma maquete da bacia do rio Paraguai e o artesanato local. No entanto, depois de uma revitalização recente, o museu mais uma vez ficou pouco frequentado, perdeu seu aspecto de novo e foi necessária, inclusive, nova revitalização, com a promessa de maior utilização do espaço no futuro. O antigo mercado, já bem instalado num grande galpão das proximidades, não corre risco de voltar a funcionar lá. O espaço em frente ao museu continua vazio, uma vez que também não é interessante aos camelôs, devido à pouca frequência de pedestres. O bairro do entorno, cujas casas são tão antigas quanto as do próprio centro, continua sendo abrigo de prostíbulos e de criminalidade, e os moradores assistem desde sempre as inúmeras pinturas que volta e meia a prefeitura resolve fazer no lugar.

Voltando em direção ao centro pela mesma 13 de Junho, subindo uma ladeira à esquerda, há outro museu, criado recentemente a partir da restauração de uma antiga caixa d'água que abastecia a cidade no século XIX e que também está sob ameaça de abandono. A sala de exposições funciona no interior da caixa d'água, cujas paredes de argamassa de areia não podem ser tocadas sob o risco de se desfazerem. Durante os primeiros tempos após a restauração, feita em 2007, foi utilizado para atividades artísticas e exposições de arte nacionais. Depois de quatro anos a prefeitura já não tem lhe dado a mesma atenção. O “Museu do Morro da Caixa D'água Velha” não fica tão longe da região mais central, mas também não está muito próximo, logo ali, à mão de quem passa a caminho de algum outro lugar de maior interesse particular.

Há, no entanto, outros lugares em Cuiabá que, mesmo sendo resultantes de restauração de prédios antigos, são intensamente frequentados e constituem palco não para a representação do passado local, mas para manifestação do que há de mais atual no cenário artístico nacional. São eles o Cine-Teatro e o Sesc Arsenal. Nenhum dos dois está destinado a museu, ainda que em alguma sala ou parede incólumes apresente-se a história do prédio. O Cine-Teatro tem a mesma função do original e, obviamente, o mesmo nome. É palco para a orquestra e o coro do Estado, também recentemente criados, além de inúmeras outras atividades artísticas. O SESC Arsenal é o prédio de um antigo quartel, o Arsenal de Guerra do Estado, que foi recuperado pelo SESC, sociedade de abrangência nacional, com o intuito de ser um centro de cultura e entretenimento. O Arsenal é uma edificação com um grande pátio interno, onde se fez um jardim no qual se pode sentar debaixo de grandes mangueiras. A mangueira é um dos símbolos de Cuiabá, pela grande quantidade de exemplares na cidade. A cena mais comum ligada a ela é a de meninos pobres atirando pedras para derrubar, à hora da fome, mangas das árvores espalhadas pelos bairros, uma vez que no centro há poucas árvores, quanto mais mangueiras, cujo caule poderia fechar uma rua.

Ambos são espaços abertos, tanto às atividades de cunho tradicionalista, quanto às de caráter inovador. Neles se veem as representações da cultura do “ser cuiabano”, suas comidas, trajes, linguagem, mas também se veem o jazz, o teatro experimental, a música erudita. O SESC ainda promove um “bulixo”, nome local para antigos empórios que vendiam de tudo. Neste evento, faz-se uma espécie de feira de artesanato e comida, não necessariamente típicos, cujas bancas ocupam todos os corredores em volta do pátio central. É o evento de caráter mais popular que ali se promove e seu público não é, em grande parte, o público habitual das atrações do lugar. A região da cidade ocupada pelo SESC é uma região mista entre residencial e comercial e o espaço à frente do prédio, que funciona como estacionamento e pátio de escolas de direção, era um terreno baldio antes da intensa movimentação proporcionada pelo uso do lugar. Ao fundo está um pequeno estádio de futebol que tem o nome do ex-presidente Eurico Gaspar Dutra, cuiabano idealizador do que era para ter sido uma réplica do maracanã, que certamente reúne menos público do que as antigas touradas do largo à frente da atual câmara dos vereadores, largo que hoje, para a autoestima da cidade, vale mais como marco do centro geodésico da América do Sul, prometendo fama futura.

Entre o popular e o culto, entre o massivo e o erudito, o SESC Arsenal e o Cine-Teatro parecem garantir sua sobrevivência não porque remetem à história antiga local. Este é um detalhe que lhes dá certa aura, mas não é o responsável pela manutenção de seu público. Sua inclinação é para o presente, atendendo à diversidade de impulsos que se lhes apresenta. Assumindo tal condição, conseguem ao mesmo tempo justificar seus aportes financeiros, atuando para a democratização do acesso à arte e manutenção do aspecto regional, ao mesmo tempo em que proporcionam a livre expressão de artistas que pouco estão ligados à memória da cidade.

Curioso é notar que nomes destacados da arte e da intelectualidade local atualmente são, em sua maior parte, ou migrantes ou filhos de migrantes, conformando-se uma classe média intelectual emergente. Eles também estão à frente de grandes projetos culturais que visam a atualização de Cuiabá frente aos grandes centros. Há um certo desejo desse intelectual, às vezes confesso, às vezes inconfesso, em esperar que Cuiabá lhe ofereça mais experiências refinadas no âmbito da arte e do entretenimento. Ele é, em geral, alguém que viaja muito, ou, sendo nascido no local, estudou em algum grande centro como São Paulo e Rio de Janeiro e possui a expectativa de poder reproduzir em Cuiabá (por opção ou por estar preso a ela de alguma forma) seu ritmo cultural vivido fora, ou acaba por se habituar à falta de mais opções. Lugares como o SESC Arsenal e o Cine-Teatro têm satisfeito pelo menos parte deste desejo.

Se as opções para o consumidor de arte mais refinada são escassas, não se pode dizer o mesmo do universo popular, que também ocupa seus lugares no centro histórico. Do Beco do Candeeiro, conhecido pela criminalidade e prostituição, vê-se erguer na colina em frente a igreja do Rosário, também recentemente recuperada. Desde antes da restauração, nela ocorre a maior festa popular de Cuiabá: a festa de São Benedito. Dura cerca de um mês, com procissões, missas e visitas dos festeiros às casas pedindo contribuições. Durante as noites, há shows, apresentações folclóricas e venda de comida típica. O espaço em que a festa ocorre à noite é circunscrito ao espaço restaurado da igreja, que consiste em dois pátios, um frontal e um lateral. A parte dos fundos e a outra lateral são ruas, que também são ocupadas pela festa. Na parte de trás estão barracas de comida organizadas pelas famílias festeiras e, na lateral, é montado o palco para apresentações culturais de todo tipo.

Fora desse círculo, demarcado por uma divisória de material compensado, encontrar-se-ão sempre os ambulantes, vendendo eletrônicos, souvenirs e comidas típicas, por preços mais baratos do que aquelas vendidas no setor oficial da festa. Não seria surpresa se uma estimativa mostrasse que a venda das comidas do lado de fora superou a de dentro, como não surpreende o fato de que, tendo sido a igreja construída por negros em homenagem a um santo negro e ser símbolo da luta local a favor da afirmação dos negros, os vendedores negros sejam maioria do lado de fora. Em todo caso, é o momento em que pessoas que de nenhuma forma estão ligadas à história local, ao significado do santo, ao movimento afirmativo da igreja, e que muito provavelmente não estariam ali por nenhum outro motivo que não a festa, podem caminhar livres pela região em meio à multidão, sem terem receio de serem assaltadas.

Próxima dali está a Praça da Mandioca, onde se ouve seresta e samba às sextas-feiras. Com uma vocação para a cultura popular, a praça desde muito tempo é palco daquela expressão, cuja existência foi sempre independente de incentivos do governo ou de restaurações do casario, que também é antigo. A festa acontece independentemente das casas abandonadas em ruínas ou mal conservadas. O consumidor, que senta em um dos bares da praça para beber, pouco se dá conta do patrimônio histórico que está a seu redor, mesmo que frequente o lugar a cinco ou dez anos. Se um dia houver restauração e ele sentar em meio a casas novas e coloridas, pode ser que ainda assim não tenha nostalgia pelo século XIX. Sua história se condensa naquele instante, no som que ouve, no céu que avista, na bebida gelada que consome.

Cuiabá é, dessa forma, uma cidade em que o que é antigo só possui sentido e vida quando é apropriado pelo presente. Não se lê em seus lugares o palimpsesto mal acabado, que deixa entrever muito das camadas mais profundas, não completamente encobertas pela nova pintura. Diversos são os motivos: o não compartilhamento da memória local, a imersão no cotidiano a ponto de se viver exclusivamente para a atualidade, o desejo de atualização e modernização que transformará Cuiabá numa grande metrópole. Esses motivos movem, em maior ou menor grau, gente de todas as classes e orienta a maneira com que as pessoas se relacionam com os lugares e a história elegidos como oficiais e tradicionais.

O fato é que, cada vez mais, o discurso que visa equalizar a relação entre o lugar e os sujeitos que nele vivem parece perder força, a ponto de fazer com que não seja preciso um contra-discurso não-identitário. A preocupação coletiva com a identidade cultural, em Cuiabá, se dilui no cotidiano na mesma proporção com que se afirma a identidade em propagandas do governo ou comerciais de restaurantes. O peixe, elemento base da representação da cultura local, é saboreado em restaurantes refinados, climatizados com ar-condicionado, que bem salvam os consumidores do calor, substituindo muito bem as árvores e as construções antigas com paredes grossas que amenizavam o calor. O ar-condicionado garante também um passeio agradável nos shopping-centers, em substituição às praças abertas e cheias de poeira levantada dos canteiros que, muitas vezes, não possuem grama. É possível e desejável que se possa, no futuro, viver em Cuiabá sem nem mesmo sentir calor.